

## Economia

# O SHOW DOS NÚMEROS

### Os bons resultados nos indicadores de emprego, renda e consumo explicam o favoritismo de Lula

Daniela Pinheiro

**C**om a divulgação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), feita pelo IBGE na semana passada, ficou patente que a vida do brasileiro melhorou nos últimos anos. A Pnad é o melhor retrato para medir as recentes mudanças do país. Ela não deixa dúvida: em 2005, houve aumento do emprego, da renda e do consumo (veja quadro ao lado). O salário médio do trabalhador, por exemplo, cresceu pela primeira vez desde 1996. Mais: comparados aos resultados do começo do governo Lula, os números da Pnad mostram que os brasileiros estão mais alfabetizados e há mais casas com luz elétrica, esgoto, coleta de lixo e água canalizada. Esses indicadores, mais do que quaisquer outros, podem explicar de maneira cristalina o porquê da folgada vantagem nas pesquisas do presidente Luiz Inácio Lula da Silva sobre seus adversários.

A preferência por Lula nas pesquisas feitas no Nordeste — onde ele tem 70% das intenções de voto — é reflexo quase direto do crescimento de 16,5% das vendas no comércio na região no último ano. É o maior percentual de crescimento de vendas do país, segundo uma pesquisa inédita da MB Associados. Evidentemente, esse aumento do consumo tem origem nos programas assistenciais do governo, como o Bolsa Família, que atinge 11 milhões de lares brasileiros. Segundo as pesquisas, proporcionalmente o maior contingente dos eleitores do presidente Lula ainda se concentra entre os mais pobres e os menos escolarizados. Entre os que ganham menos

de dois salários mínimos por mês e completaram apenas o ensino fundamental, a preferência por Lula chega a 59%, conforme mostrou o instituto Datafolha na semana passada. "A vida melhorou. Pode não ter sido o espetáculo do crescimento, mas foi um show indiscutível, principalmente para quem está na base da pirâmide", afirma o economista Marcelo Néri, da Fundação Getúlio Vargas. O levantamento da MB Associados aponta que o trabalhador desfruta hoje mais crédito, tem maior poder de compra de alimentos e bens duráveis do que há quatro anos. Diz o cientista político Rogério Schmitt, da Tendências Consultoria: "É isso o que conta para o pobre. Mensalão, sanguessuga, isso não quer dizer nada. Ele está preocupado com a queda no preço do cimento e do arroz, o que de fato aconteceu. Qualquer candidato com uma bandeira dessa se beneficiaria nas urnas".

Bem, todos os indicadores são positivos, então estamos no melhor dos mundos, certo? Não. Há o que come-

## A VIDA MELHOROU

Os indicadores colhidos pelo IBGE mostram que a vida do brasileiro vem melhorando ano a ano. Durante o governo Lula, praticamente todos os índices melhoraram

Só em 2005...

...houve um aumento real de

**9,9%**

no salário mínimo

...o rendimento médio do brasileiro aumentou

**4,6%**

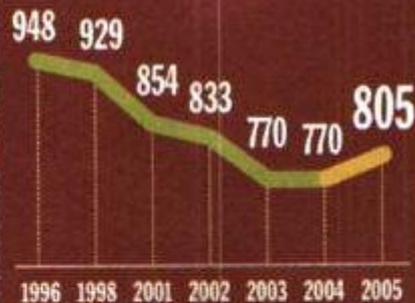
...e foram criados

**2,5 milhões**

de postos de trabalho

\* Em relação a 2004

A renda mensal do trabalhador aumentou pela primeira vez em dez anos (em reais)



### Entre 2001 e 2005, o consumo disparou (em % dos domicílios)

■ Acesso a computador



■ Telefone celular



■ Televisão



■ Freezer\*

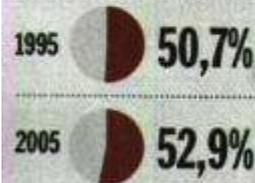


\* Único bem a ter queda no consumo

### Nos últimos dez anos...

#### NO TRABALHO

...o emprego informal encolheu (trabalhadores com carteira assinada)



...diminuíram os empregos de autônomos



...caiu a diferença salarial entre homens e mulheres

(% do salário feminino em relação ao masculino)

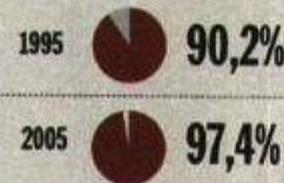


...aumentou o número de trabalhadores sindicalizados

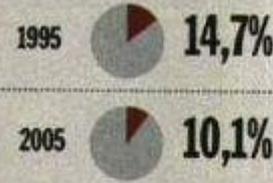


#### NA VIDA DO BRASILEIRO

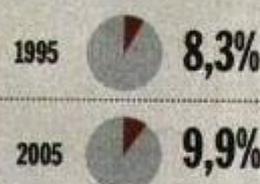
...ele estudou mais (escolarização entre 7 e 14 anos)



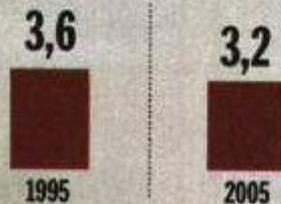
(analfabetismo acima dos 10 anos de idade)



...ele envelheceu (pessoas com mais de 60 anos)

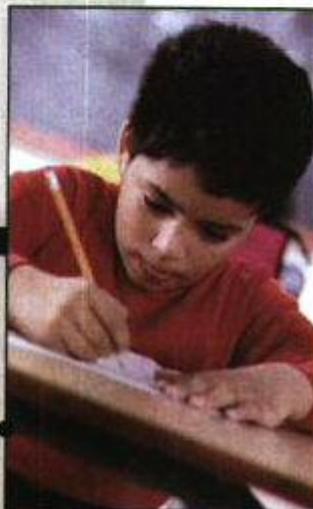


...as famílias ficaram menores (número médio de pessoas por domicílio)



morar, mas também há com o que se preocupar. Boa parte desses bons resultados está lastreada no aumento dos gastos públicos. Portanto, no fim das contas, é um resultado que custa caro. E, pior, não é sustentável. "Reajustar o salário mínimo em padrões muito acima da inflação, como tem sido feito, aumenta o gasto público, principalmente na Previdência Social", diz a economista Tereza Fernandez, diretora da MB Associados. Economistas de bom senso, o mercado financeiro internacional e representantes de organismos internacionais têm alertado sobre a ganância. Na quinta-feira passada, véspera, portanto, da divulgação da Pnad, o vice-diretor do departamento de pesquisas do FMI, Charles Collins, criticou publicamente o Brasil. Diz Collins: "Os gastos públicos cresceram. Deveriam ser realizados de forma mais eficiente. Há ainda uma grande agenda de reformas a serem feitas".

LINA DANN TARDIF/CORBIS/STOCK PHOTOS

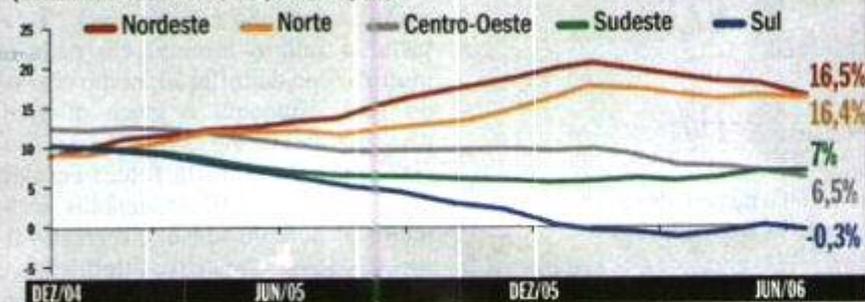


ROYALTY-FREECORP/STOCK PHOTOS

Esse é o ponto. Há no governo quem pense (e não são poucos) que se pode prescindir de uma agenda firme de reformas e partir para a "retomada do desenvolvimento" — para usar um chavão tão caro a um certo grupo. Na semana passada, o ministro Luiz

## Evolução das vendas no comércio e percentual de intenções de voto em Lula

No Norte e no Nordeste, onde se verifica expressivo crescimento no consumo nos últimos anos, a preferência por Lula é maior (acumulado 12 meses, em porcentagem)



**INTENÇÃO DE VOTOS EM LULA, POR REGIÃO**

**NORDESTE**  
70%

**NORTE/CENTRO-OESTE**  
53%

**SUDESTE**  
42%

**SUL**  
35%

Fonte: Datafolha

Fernando Furlan tocou novamente nessa tecla. Em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*, Furlan defendeu a fixação de uma meta entre 5% e 6% nos próximos quatro anos. Como intenção, meritório. Evidentemente, o ministro não explicou como o governo deveria fazer para atingir esse percentual.

O crescimento brasileiro tem sido medíocre na última década. Todos concordam. Assim como há consenso sobre ser vital crescer mais. Não se deve, porém, querer

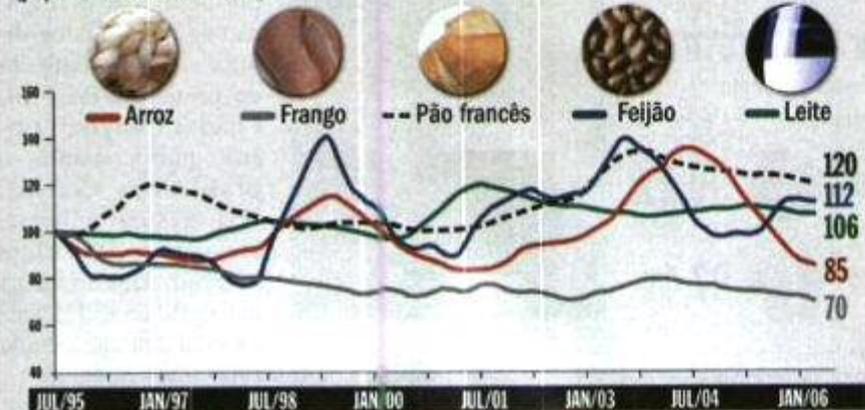
soluções mágicas. São medidas que normalmente passam pela ganância e pelo mantra dos desenvolvimentistas — “crescimento com um pouquinho mais de inflação”, sabidamente o primeiro passo para o abismo. O caminho para uma taxa chinesa e sustentável, queira-se ou não, é mais duro. Passa, por exemplo, por:

- Reforma Tributária, que legará ao país menos impostos.
- Reforma da Previdência e diminuição dos gastos públicos. A consequência mais vistosa dessas providências será a tão almejada queda dos juros.
- Redução da burocracia, que emperra a efervescência da economia.

Desde a década passada, o Brasil avançou bastante. Privatizou, diminuiu a presença do Estado na economia, começou a adquirir uma cultura de preocupação com os gastos públicos. Melhoramos muito, como o próprio resultado da Pnad comprova. Não é hora, portanto, de desviar da rota correta. ■

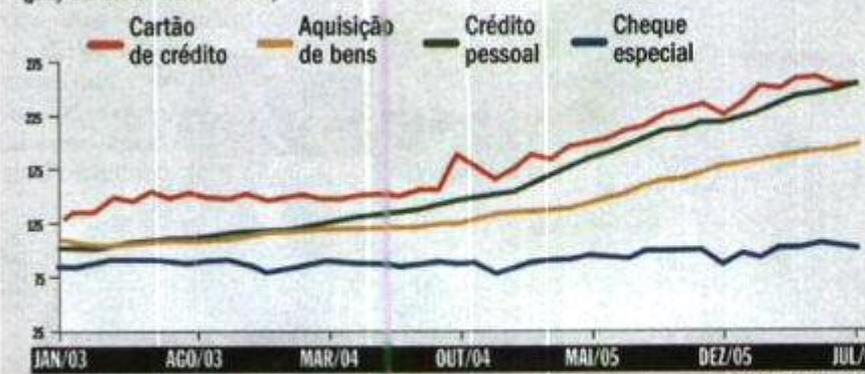
## Valorização do poder de compra

Nos últimos dez anos, o valor do salário mínimo subiu 30% mais do que o preço do frango (jul/95 índice base = 100)



## Aumento do crédito para a população

Desde o início do governo Lula, os brasileiros passaram a contar com mais alternativas de financiamento do consumo, evitando o uso do cheque especial (jan/01 índice base = 100)



Fonte: MB Associados

ANTÔNIO MELINA

